

**À sombra da chaminé:  
as conexões entre memória, esquecimento e ressentimento nas lembranças operárias de  
Telêmaco Borba (PR)**

**In the shadow of the chimney:  
the connections between memory, forgetting and resentment in the workers' memories of  
Telêmaco Borba (PR)**

Juliana de Oliveira Teixeira  
Doutora em História (UFPR)

**Resumo:** Este trabalho propõe uma discussão teórica sobre as possíveis conexões entre memória, esquecimento e ressentimento nas lembranças dos trabalhadores de Telêmaco Borba (PR) – município organizado em torno da instalação da fábrica de papel e celulose das Indústrias Klabin do Paraná (IKPC) e sua company town, no decorrer das décadas de 1940 e 1950. A cidade, que assume como identidade metacoletiva o pioneirismo e o progresso fabril levados a cabo por “grandes homens”, exalta o papel de engenheiros e diretores das IKPC, deixando à margem seu passado rural e a atuação decisiva dos operários em seu desenvolvimento e história. Diante disso, este artigo se debruça sobre as contribuições de Pierre Ansart, Joël Candau e Michael Pollak para refletir sobre a existência de memórias fracas e subterrâneas nas narrativas orais dos trabalhadores de Telêmaco Borba. Tais recordações, quando rompem a barreira do esquecimento, apresentam-se de forma fragmentada e ressentida.

**Palavras-chave:** História de Telêmaco Borba (PR), memória operária, esquecimento, ressentimento.

**Abstract:** This paper proposes a theoretical discussion on the possible connections between memory, forgetfulness and resentment in the memories of workers in Telêmaco Borba (PR) – a city organized around the installation of Indústrias Klabin do Paraná (IKPC), a paper and cellulose factory, and its company town, during the 1940s and 1950s. The city, which takes as its meta-collective identity the pioneering spirit and industrial progress carried out by “great men”, exalts the role of engineers and directors of the IKPC, leaving its rural past to the sidelines and the decisive role of workers in their development and history. Therefore, this article focuses on the contributions of Pierre Ansart, Joël Candau and Michael Pollak to reflect on the existence of weak and subterranean memories in the oral narratives of Telêmaco Borba's workers. Such memories, when they break through the oblivion barrier, present themselves in a fragmented and resentful way.

**Keywords:** History of Telemaco Borba (PR), working memory, forgetfulness, resentment.

## Introdução

O interventor [Manoel Ribas] conhecia bem aquelas paragens. Para ele não era novidade o silêncio da noite nos campos, nem o levantar de manhãzinha, para cavalgar os dezoito quilômetros até Lagoa – ponto de parada e almoço. O lugar não tinha nenhuma lagoa, mas sim a casa de um ex-escravo, nascido e criado na fazenda desde os tempos do Barão do Monte Carmelo. Chamavam-no ‘Pedro da Lagoa’, porque sua casa quando chovia ficava no meio dum alagadiço. Povoara o local com mais de vinte filhos. Lúcido, contava aos visitantes dos últimos ataques dos bugres e dizia que nascera e se criara laçando touros e fazendo a marcação do gado na época de rodeio. Ia vender bois e cavalos do patrão em Ponta Grossa. Quando os senhores da primitiva Casa Grande abandonaram-na, Pedro da Lagoa foi escolher um lugar para viver sossegado. Jamais entenderia não ser ele o dono do rancho em que habitava, da rocinha que plantava e do pasto em que soltava seus animais. Os Klabin o conheceram e o deixaram viver em paz, até que morreu com mais de cem anos, entre filhos e netos que não se dispersaram. (FERNANDES, 1974, p.40)

O trecho acima, que faz parte do livro *Monte Alegre, cidade papel*, de Hellê Vellozo Fernandes (1974) é, aos olhos deste artigo, instigante sob vários aspectos. Primeiramente, porque é um componente dissonante dentro da obra – considerada a principal a versar sobre a história do município de Telêmaco Borba (PR)<sup>20</sup>. Neste, e em outros raros momentos de sua narrativa, a autora menciona brevemente a existência de um personagem que não carregava o sobrenome Klabin e que tampouco teve um papel político decisivo na formação da cidade. Pedro da Lagoa, descrito no livro como uma presença folclórica na região, é um resquício de um passado que a historiografia “oficial” de Telêmaco Borba fez questão de minimizar e, em última instância, esquecer. O posseiro que, segundo Fernandes (1974, p. 40), não era dono do rancho nem da rocinha em que morava há vários anos, teve a continuidade da sua vida e do seu cotidiano garantidos não por obra de suas mãos ou de sua vontade, mas pela benevolência dos novos senhores daquelas terras.

Refletir sobre as histórias e as memórias de Telêmaco Borba passa, necessariamente, pelos mesmos caminhos percorridos por Pedro da Lagoa em *Monte Alegre, cidade papel*. O município, que se considera industrial e que construiu sua identidade metacoletiva<sup>21</sup> em torno da instalação da

---

<sup>20</sup> Pertencente à região sul do Brasil, o Paraná divide seu território em 10 mesorregiões geográficas. Telêmaco Borba faz parte da mesorregião centro oriental, tendo divisa com os municípios de Ortigueira, Imbaú, Tibagi e Ventania. Curitiba, a capital paranaense, fica a 250 km de distância. Atualmente, Telêmaco Borba contabiliza uma população de 76.550 pessoas. Sua extensão territorial é de 1.382,86 km<sup>2</sup> e sua economia é baseada na atividade industrial e na prestação de serviços. Emancipada da Comarca de Tibagi em 21 de março de 1964, tem 53 anos de história como município.

<sup>21</sup> Opta-se por utilizar *memória metacoletiva* porque, neste artigo, adota-se as concepções de Joël Candau (2014) sobre o termo. Para o autor, é impossível pensar numa identidade e memória plenamente coletivas – ou seja, que sejam compartilhadas por todos os indivíduos pertencentes a um grupo. Tais ideias são desenvolvidas com maior cuidado no decorrer do texto.

fábrica de celulose e papel das Indústrias Klabin do Paraná (IKPC) na década de 1940, data o início de sua trajetória justamente quando o primeiro Klabin pôs os pés na região, guiado pelo então interventor do estado Manoel Ribas. Antes disso, a área da Fazenda Monte Alegre<sup>22</sup> até “existia” – mas engolida por narrativas de antigas hostilidades que pairavam sobre a mata de pinheirais. Fernandes (1974) descreve que antes mesmo dessas terras serem requeridas por José Félix da Silva<sup>23</sup>, no século XVIII, já eram palco de brutalidades praticadas pelos “bugres selvagens” (ou “feroz gentio caingangue”, como se refere a autora) que “assombravam” e “atacavam” os tropeiros<sup>24</sup> que ousavam passar por ali. Depois, o próprio José Félix seria responsável por propagar o terror na região, promovendo ataques violentos às tribos, no intuito de expulsá-las de suas terras. Em *Monte Alegre, cidade papel*, um desses conflitos é relatado com detalhes, porque aconteceu no centro de onde, futuramente, seria construída a *company town*<sup>25</sup> das IKPC.

A tradição registra um espetáculo de crueldade sem par, no qual os selvagens foram encurralados num morrinho onde hoje é o Hospital e o Hotel Ikapê em Monte Alegre. Não foram respeitadas nem mulheres nem crianças. O sangue empapou a relva e correu em filetes para as águas do riozinho próximo. Os cadáveres ficaram amontoados e por muitos dias os corvos sobrevoaram os corpos insepultos. Desde então, o rio e toda a região passou a chamar-se Mortandade, nome que só foi mudado 150 anos depois. (FERNANDES, 1974, p.19-20).

---

<sup>22</sup> Fazenda Monte Alegre foi o nome dado à região por José Félix da Silva, no século XVIII. Tal nomenclatura foi bastante utilizada para designar aquelas terras, inclusive quando já estavam sob a posse da família Klabin. O nome Telêmaco Borba só passou a ser adotado depois da emancipação do município da comarca de Tibagi, na década de 1960.

<sup>23</sup> José Félix da Silva foi um dos grandes proprietários de terras dos Campos Gerais do Paraná. Possuidor da patente de tenente-coronel de Milícias, comandou diversas expedições exploratórias na região. Em uma dessas expedições, encontrou diamantes no rio Tibagi. De acordo com Lúcio Tadeu Mota (1996, p.196), “essas descobertas explicam o rápido enriquecimento de José Félix da Silva, dono da Fazenda Fortaleza e de muitas outras na região de Castro e Tibagi.” O tenente-coronel também foi um grande senhor de escravos. Segundo Cacilda Machado (2008, p.52), em 1817, José Félix “possuía 92 cativos divididos em três fazendas, o que dá uma média de 30 escravos por unidade produtiva”. Por fim, o proprietário de terras ainda ficou conhecido por seus problemas familiares, relatados no livro *O Drama da Fazenda Fortaleza*, de David Carneiro, publicado em 1941.

<sup>24</sup> As terras na região de Telêmaco Borba e dos Campos Gerais do Paraná, propícias para o desenvolvimento da pecuária, foram pontos de parada na rota dos tropeiros que levavam gado e muare do Rio Grande do Sul para o abastecimento dos estados de São Paulo e Minas Gerais nos primeiros anos do século XVIII.

<sup>25</sup> Marcelo J. Borges e Susana B. Torres (2012) atrelam o surgimento das *company towns* à necessidade de atrair e fixar trabalhadores próximos a áreas isoladas e sem acesso a centros urbanos já estabelecidos. As primeiras cidades-empresa foram fundadas na Europa e nos Estados Unidos durante a Revolução Industrial. Com a expansão da industrialização e do capital, novos lugares também passaram a abrigar esse tipo de empreendimento. Obviamente, cada *company town* – para além desse aspecto básico – guarda suas próprias especificidades e contextos.

Não por coincidência, o nome Mortandade foi alterado por um membro da família Klabin, Ema. Achando-o funesto demais, Ema declarou que, para dar mais sorte e afastar a lenda de lugar mal-assombrado, o rio passaria a ser chamado de Harmonia. Era mais uma demonstração da benevolência (e da racionalidade e do sentimento de progresso) dos Klabin. E esses aspectos com relação à fábrica e os seus proprietários cresceram junto ao desenvolvimento da região e sua emancipação do município de Tibagi. Se antes havia a tutela dos pequenos posseiros e sitiantes como Pedro da Lagoa, depois, foi a vez dos trabalhadores (tanto os da indústria quanto aqueles que se dedicavam a outras atividades) experimentar esse “afago”. Uma memória grata foi construída, principalmente entre os velhos de Telêmaco Borba, que veem na fábrica uma espécie de autoridade a quem devem respeito. A citação abaixo é de A.L.M.<sup>26</sup>, homem de 76 anos, nascido na região de Ortigueira (PR). Ele e a família se mudaram para a Fazenda Monte Alegre quando a indústria ainda estava em construção. Apesar de nunca ter trabalhado nos pátios e máquinas da fábrica (A.L.M. é fotógrafo), a gratidão à Klabin fica evidente em suas colocações:

*A.L.M:* Então é o que eu digo: eu acho que a gente deve tudo e mais um pouco pra Klabin. A pessoa que mora aqui em Telêmaco Borba e tem uma propriedade aqui, ele tem por obrigação de todo dia cedo levantar e sai correndo tudo, pode ser mesmo se ele tiver só de cueca, ele vai correndo. Chega lá no bonde aéreo e olha na ponta daquele chaminé: se tiver saindo fumaça, ele tem que ajoelhar e agradecer a Deus.... Porque a hora que parar de sair fumaça, acaba a cidade. (A.L.M., 2012).

O conjunto de objetos de estudo que essas poucas inserções da história e memória metacoletivas do município são capazes de fomentar fica evidente. As tensões entre capital e trabalho, as adesões e resistências dos trabalhadores às memórias e identidades metacoletivas compõem a complexa trama de sentidos de Telêmaco Borba. Qual seria a melhor maneira, então, de observar essa trama?

É essa questão que este artigo tenta solucionar ao propor uma discussão teórica que conecte memória, esquecimento e ressentimento. Lançando mão das narrativas orais dos próprios trabalhadores como catalisadoras de reflexões, debruçamo-nos sobre os conceitos apresentados por Pierre Ansart, Joël Candau e Michael Pollak para que nos auxiliem a analisar as estruturas memoriais da cidade e os sentimentos inerentes a essas mesmas estruturas. De maneira particular,

---

<sup>26</sup> Entrevista concedida à pesquisadora, na residência do entrevistado, no dia 9 de julho de 2012, em Telêmaco Borba (PR). Na ocasião, o objetivo da conversa era levantar dados para a pesquisa de Mestrado desta autora.

destacamos os ressentimentos, principalmente pelo “choque de desenvolvimento modernizador” imposto à região, composta majoritariamente por uma população rural pouco alfabetizada. Frente ao “progresso” e a negação das antigas tradições, o movimento desses trabalhadores foi de interiorização do sentimento de perda, externalizando-o em forma de humildade resignada e gratidão.

São, portanto, esses aspectos que irão guiar o desenvolvimento deste texto daqui em diante. Primeiramente, apresentamos o referencial teórico que dá respaldo à ideia de sentimentos como parte fundamental da história. Depois, expomos o conceito de ressentimento para associá-lo à ação da memória e do esquecimento. Finalmente, relacionando história, memória e as narrativas orais dos trabalhadores, esperamos contribuir efetivamente para o debate da história dos operários de Telêmaco Borba, oferecendo uma nova possibilidade historiográfica à cidade.

### **Sentimentos e história: uma aproximação possível**

Cada momento da vida social e política é marcado pela difusão de múltiplas mensagens que têm por objetivo influenciar aproximações e distanciamentos; esperanças e medos; sentimentos positivos e negativos, de acordo com as pretensões das instituições ou dos heróis da cena política. Assim, toda situação que tenha lugar nos diferentes meios sociais é acompanhada de atitudes afetivas diversas, sejam elas homogêneas ou conflituais. No entanto, essa dimensão é comumente negligenciada pelos estudos das ciências sociais, calcados em parâmetros positivistas.

Dentro dessa ciência positivista, a importância das paixões políticas só é reconhecida em casos especiais, quando é impossível negá-la – como nas revoltas e revoluções, por exemplo. Essa atitude de dar relevância à afetividade somente nos seus períodos de alta intensidade cria a impressão de que em momentos menos violentos da história as paixões ficam adormecidas ou ausentes. Porém, é justamente nesses períodos não excepcionais que os afetos políticos se consolidam. É no cotidiano que se deve buscar o engendramento das paixões políticas.

Plutôt que de reprendre l'analyse des situations exceptionnelles (violence politique... terrorisme) où les passions politiques prennent un relief qui les rend très apparentes, il paraît opportun de considérer aussi les caractères familiers des sensibilités; c'est peut-être

à partir de ces phénomènes quotidiens que l'on pourra mieux comprendre le surgissement des affectivités violentes.<sup>27</sup> (ANSART, 1983, p.26).

A despeito do pouco interesse das ciências positivistas com relação às afetividades cotidianas, grandes teóricos e filósofos estavam muito mais atentos à dimensão sensível da história e à necessidade de encontrar meios para analisá-la. Usando como exemplo colocações de Karl Marx e Alexis de Tocqueville, Pierre Ansart (1983, p.15) se pergunta o por que desses analistas se preocuparem com esse âmbito da prática sócio-política, apesar da complexidade de refleti-la na sua gama infinda e sutil de sensibilidades. A conclusão a que chega é de que a afetividade coletiva não é somente uma dimensão da vida cotidiana e um aspecto da trajetória individual, mas uma dimensão da realidade histórica. “[...] on ne saurait achever l’analyse d’une situation politique sans prendre en compte ces sentiments et ces passions qui soutiennent en permanence les relations, les conflits, les compromis politiques.”<sup>28</sup>

Tomando, portanto, as paixões políticas como uma dimensão da realidade histórica, é preciso estudar a produção desses sentimentos em suas diferentes frentes, levando em consideração seus autores, seus meios e suas consequências. Para tanto, Ansart (1983) articula uma *teoria da sensibilidade política*, composta pela sociologia e ciências políticas; pela psicologia social; e pela psicanálise. Essas três ciências, isoladamente, não são capazes de compreender uma explosão de alegria ou de pânico, porém, em conjunto, podem repensar uma emoção coletiva.

A *teoria da sensibilidade política* guarda em si diferentes perspectivas, embasadas por estruturas sócio-afetivas. Se é possível evocar um sentimento político comum, é porque esse sentimento é interiorizado e sentido pelos indivíduos com múltiplos nuances, a partir de uma subjetividade que lhes é essencial. “C’est précisément dans cette sensibilité politique que se réalisera un type d’insertion du sujet dans le collectif, une articulation particulière de l’individuel et du social.”<sup>29</sup> (ANSART, 1983, p.23). A hipótese das estruturas sócio-afetivas dá ênfase à relativa

---

<sup>27</sup> Tradução nossa: “Ao invés de repetir a análise de situações excepcionais (violência política... terrorismo) onde as paixões políticas ganham um relevo que as deixam muito aparentes, parece oportuno considerar também as características familiares das sensibilidades; é, talvez, a partir desses fenômenos cotidianos que se poderá melhor compreender o surgimento das afetividades violentas”.

<sup>28</sup> Tradução nossa: “[...] não se pode encerrar a análise de uma situação política sem levar em conta esses sentimentos e essas paixões que sustentam permanentemente as relações, os conflitos, os compromissos políticos”.

<sup>29</sup> Tradução nossa: “É precisamente nesta sensibilidade política que se realizará um tipo de inserção do sujeito no coletivo, uma articulação particular do individual e do social.”

estabilidade, em um dado período e ambiente social, dos sentimentos políticos comuns que participam nas relações intragrupos, nas eventuais mobilizações e desmobilizações.

Todo grupo é regido por uma lógica afetiva, que pode se manifestar em dois sentidos: enquanto a *lógica dos sentimentos políticos* no seu próprio seio; e enquanto a *lógica dialética* que o separa e o une com outros grupos em conflito. No primeiro sentido do termo, há o tensionamento do sistema de adesões e de medos, que se renova no interior de um mesmo grupo e que forma seu regime de “sentimentos dominantes”. Já no segundo sentido, coloca-se em evidência os elementos do sistema de oposição, no qual os afetos dos grupos rivais se opõem, se completam ou levam a uma ruptura.

Cette seconde figure de la logique affective dans le domaine du politique s'illustre avec toute sa complexité dans le périodes de grand mutation sociale. Ainsi lorsque une elite dirigeante entreprend d'entraîner une population dans une développement rapide, les aspirations et les attachements des dirigeants entrent en conflit avec les respects et les attachements traditionnels. L'entreprise des modernisateurs [...] se déploie dans des interactions passionnelles intenses où les initiatives concretes ou symboliques des dirigeants agressent les affects anciens, suscitent des effets et des contre-effets, provoquent ici la résistance et ailleurs l'adhésion alors que le consensus affectif était recherché.<sup>30</sup> (ANSART, 1983, p.25).

Certamente a lógica afetiva é importante em seus dois sentidos – e já é possível traçar alguns paralelos entre essas observações teóricas e o cenário de Telêmaco Borba. Enxergando a classe de trabalhadores rurais e os operários da região como um grupo, parte-se do princípio que ele tem seu regime de sentimentos dominantes. Entre adesões e medos, as afetividades cotidianas tiveram papel decisivo na construção e perpetuação de determinadas memórias intragrupais – algumas delas, inclusive, reverberam até os dias atuais. É nesse sentido que, mais adiante, discorreremos sobre a noção de memórias fracas e memórias fortes.

Por outro lado, no âmbito *dialético* da lógica afetiva, vê-se um município que comporta em seu seio tanto o grupo trabalhador, citado acima, quanto o grupo dos dirigentes, responsáveis por encabeçar o projeto fabril. Fica evidente a existência de um sistema de oposição de afetos entre

---

<sup>30</sup> Tradução nossa: “Esta segunda figura da lógica afetiva no domínio da política se ilustra com toda sua complexidade nos períodos de grande mutação social. Assim, quando uma elite dirigente empreende a condução de uma população em um desenvolvimento rápido, as aspirações e as adesões dos dirigentes entram em conflito com os respeitos e as adesões tradicionais. O empreendimento dos modernizadores [...] se desdobra em interações passionais intensas onde as iniciativas concretes ou simbólicas dos dirigentes atacam os afetos antigos, suscitando efeitos e contra-efeitos, provocando resistência e também adesão enquanto o consenso afetivo é procurado”.

“grupos rivais”, principalmente quando se observa as décadas de 1940 e 1950, quando a indústria trouxe um “choque de desenvolvimento modernizador” (para usar as mesmas palavras de Ansart) à Fazenda Monte Alegre. É de se esperar que essa empreitada tenha provocado interações passionais intensas, tanto de resistência quanto de adesão.

Neste ponto, em que se discute a *lógica afetiva dialética*, é pertinente ainda trazer algumas considerações de Karl Marx. Apesar de ser comumente tachado de “economicista” dentro das ciências políticas, Marx sublinha o papel essencial dos afetos políticos em escritos como o *18 Brumário* e os *Manuscritos de 1844*. Parte-se, inicialmente, do sofrimento inerente ao proletariado, seu padecimento, miséria e degradação. Dentro do regime capitalista, pautado pela exploração da mais-valia, a resistência operária acaba sendo sua consequência direta, ainda que nem sempre evidente. Ela vem, justamente, do instinto natural de sobrevivência dos trabalhadores e dá origem às múltiplas formas da luta de classes.

Marx vai aprofundar ainda mais sua reflexão sobre a afetividade quando discorre sobre o Golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851, na França, que levou Luis Bonaparte ao poder. Surpreso e, ao mesmo tempo, decepcionado pelo desenrolar dos acontecimentos franceses, Marx repensa os limites de uma explicação materialista das afeições políticas, dando espaço para a reflexão das mentalidades e tradições interiorizadas.

[...] precisamente porque la vida política es el mundo de los gestos y las frases, el mundo donde importan las palabras, es también el ámbito en que se concentran las pasiones, los miedos aterrizadores y las esperanzas exaltadas. En ese ámbito van a surgir los mitos y las supersticiones, las creencias y las ilusiones, y en él van a imponerse con todo su peso los imaginarios cargados de afectividad. Y por ello los temores, las iras, los ódios tienen su verdadera función en la historia.<sup>31</sup> (ANSART, 1997, p.151)

Outro aspecto que cabe discutir é o exame marxista das configurações históricas e a maneira como elas ativam e usufruem dos sentimentos e das paixões. Há dois tipos de situações radicalmente opostas: no primeiro, os afetos participam do movimento da história, sustentando os atores e suas possibilidades; no segundo, os afetos desviam os atores da ação possível, inibindo-

---

<sup>31</sup> Tradução nossa: “Precisamente porque a vida política é o mundo dos gestos e das frases, o mundo onde importam as palavras, é também o âmbito em que se concentram as paixões, os medos aterrizadores e as esperanças exaltadas. Nesse âmbito vão surgir os mitos, as superstições, as crenças e as ilusões, e nele vão se impor, com todo seu peso, os imaginários carregados de afetividade. E, através dele, os temores, as iras, os ódios têm sua verdadeira função na história.”

os. Pode-se dizer que esse último cenário foi o dos camponeses franceses do século XIX que, contrariamente do que esperava Marx, não promoveram revolução alguma, apoiando a ascensão de Luis Bonaparte ao poder.

Como não se reconheciam como classe e tampouco tinham representação política, exerceram seu poder de voto buscando uma espécie de proteção, vinda de uma autoridade superior. Assim, pela transferência afetiva, encontraram em Luis Bonaparte a imagem de Napoleão I, bem como a crença de que aquele poderia devolver o brilho de épocas passadas. Essa associação tem uma *lógica afetiva* histórica bastante singular, pois o reinado de Napoleão I foi doloroso e destrutivo para os camponeses. No entanto, a memória metacoletiva conservou apenas o esplendor desses tempos ruins: “Esos recuerdos no tienen relación con la experiencia cotidiana de los camponeses de 1850, pero una memoria afectiva los alimenta e conserva.”<sup>32</sup> (ANSART, 1997, p.155).

Certamente não seria prudente transpor de maneira integral e igualitária essa memória metacoletiva distorcida dos camponeses para os trabalhadores telemacoborbenses do século XX, mas nada impede que o caso francês seja usado de modelo para refletir sobre os sentimentos e paixões políticas do município paranaense. Apesar de todos os percalços, sofrimentos, doenças e degradação a que foram submetidos os trabalhadores da região, a memória metacoletiva tratou de conservar o desenvolvimento das Indústrias Klabin como esplendoroso e pautado unicamente pelo “progresso”. Citações sobre a poluição da fábrica, por exemplo, foram esquecidas na historiografia “oficial”, mas ainda caminham de maneira subterrânea<sup>33</sup> nas lembranças dos velhos da cidade.

M.D.C.<sup>34</sup>, mulher de 79 anos, mora em Telêmaco Borba desde os 7. Seus pais decidiram se mudar de Ponta Grossa (PR) para a região com o intuito de auxiliar no empreendimento hoteleiro da família que já existia na *company town*. Durante sua adolescência, M.D.C. teve que ser afastada

---

<sup>32</sup> Tradução nossa: “Essas recordações não têm relação com a experiência cotidiana dos camponeses de 1850, mas uma memória afetiva as alimenta e conserva.”

<sup>33</sup> A ideia de memória subterrânea está na obra de Michael Pollak (1989). De acordo com o autor, a memória subterrânea é parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, que se opõem à uma “memória oficial”. Ainda de acordo com ele, a história oral é capaz de ressaltar a importância dessas memórias subversivas que prosseguem em silêncio. Retoma-se a expressão memória subterrânea mais adiante.

<sup>34</sup> Entrevista concedida à pesquisadora, na residência da entrevistada, no dia 11 de julho de 2012, em Telêmaco Borba (PR). Na ocasião, o objetivo da conversa era levantar dados para a pesquisa de Mestrado desta autora.

da Fazenda Monte Alegre, porque ficou muito doente. O mal cheiro<sup>35</sup> da indústria foi apontado como o responsável por seu padecimento na época:

*M.D.C.:* Quando eu terminei o 4º ano aqui mesmo [na Fazenda Monte Alegre], eu fiquei bem doente. Daí o doutor Marcola, que era o médico de lá [da *company town*], ele mandou mamãe me tirar de lá, senão eu ia morrer. Daí eu fiquei dois anos interna no colégio em Pirai [do Sul].

*Juliana:* Nossa! E você ficou doente por quê? Sabem?

*M.D.C.:* Fiquei doente, tipo de uma anemia, então... O cheiro da Klabin me fazia muito mal, sabe? Então fiquei lá, fiz tratamento também, daí melhorei.

*Juliana:* Aí voltou?

*M.D.C.:* Voltei!

*Juliana:* Aí nunca mais teve problema com o cheiro da Klabin?

*M.D.C.:* Não. Agora acostumou. (M.D.C., 2012).

Mesmo com as complicações em sua saúde, M.D.C também tem uma memória grata – principalmente pelas oportunidades que a construção da indústria deu para o negócio hoteleiro de sua família. Que tipo de sentimento carrega essa memória grata? E mais: essas lembranças não seriam o reflexo de uma afetividade reprimida, ou de tradições antigas negadas em detrimento de novas paixões? Não seria, talvez, um ódio recalcado contra a indústria que lhe causou anemia, ou contra os novos proprietários que reclamaram a terra onde morava e, ao mesmo tempo, lhe diminuíram a importância “deixando-o viver em paz”? As respostas dessas perguntas ainda não estão dadas, mas apontam para a existência de ressentimentos que cercam as histórias e memórias de Telêmaco Borba.

Estudar os ressentimentos é uma dificuldade permanente das ciências históricas, pois representam os rancores, os fantasmas da morte e os desejos de vingança. É a parte sombria, inquietante e terrificante da história que pode assumir diferentes nuances, às vezes, contraditórios.

A dificuldade é redobrada quando se trata não somente de analisar os ódios, mas de compreender e explicar aquilo que precisamente não é dito, não é proclamado; aquilo que é negado e que se constitui, entretanto, como um móbil das atitudes, concepções e percepções sociais. O objeto esquiva-se; é preciso formular a hipótese de sua importância e reconstruir o invisível que, se não é totalmente inconsciente, ao menos em parte não é consciente. É preciso formular a hipótese do papel do inconsciente na política, hipótese audaciosa em seu princípio e em suas realizações. (ANSART, 2004, p.29).

---

<sup>35</sup> O mal cheiro da Klabin (e de outras indústrias de celulose) é um subproduto do processo de produção da celulose. Durante sua fabricação, a madeira é cozida com o auxílio do *licor branco* (hidróxido de sódio e sulfeto de sódio) – e a interação desta substância com a madeira libera um odor característico, semelhante ao cheiro de enxofre.

A partir do estudo dos indícios, dos signos e dos traços dos costumes e dos usos da vida cotidiana, o historiador deve transformar as linguagens e os modos de comunicação em sintomas dos ressentimentos. Fazendo isso, a atividade histórica passa a se situar nas fronteiras do conhecível, no limiar dos conhecimentos seguros. “[...] o estudo e a consideração dos ressentimentos nos conduzem necessariamente a estas zonas confusas e, em parte, incertas.” (ANSART, 2004, p.30).

### **Os ressentimentos**

Pertence a Nietzsche a noção inicial de ressentimento desdobrada em diferentes situações históricas, que guardam entre si a característica de sublevação dos inferiores, de sublevação dos escravos contra os dominadores. O ódio, a inveja, o ciúme assassino e o desejo de vingança são descritos pelo filósofo não em sua aceitação e realização, mas em sua interiorização e denegação. Interiorizados e recalçados, esses sentimentos se metamorfoseiam em valor positivo: a inferioridade se transforma em humildade resignada, a fraqueza se disfarça em amor da justiça e o ódio recalçado se torna ódio de si mesmo.

Para Nietzsche, o ressentimento é um *habitus* da civilização judaico-cristã e a origem da decadência das sociedades ocidentais. Scheler, partindo das proposições nietzschianas, retém somente o significado do conceito de ressentimento destas, estendendo-o a diversas civilizações. Merton, por fim, transforma a definição de ressentimento num conjunto de sentimentos, onde o ódio e o desejo de vingança dividem espaço com a experiência continuada da impotência rancorosa.

Apoiando-se nas definições dos três estudiosos anteriores, Ansart (2004) faz algumas complementações, principalmente no sentido de ampliar as formas de ressentimento – é necessário falar de ressentimentos no plural, pois eles podem acontecer em intensidades e graus distintos. É nesse sentido que ele chama atenção, por exemplo, aos possíveis ressentimentos dos dominadores contra os dominados, acrescentando um novo âmbito às ideias de Nietzsche. Para além do recalque, os ressentimentos também servem de fator aglutinador, gerando uma solidariedade afetiva.

Os ressentimentos, enfim, manifestam-se de múltiplas maneiras, inclusive dentro dos regimes democráticos pluralistas. É uma forma de afetividade, de paixão política, que caminha, muitas vezes, no andar subterrâneo da vida cotidiana, dando-se a ver somente em alguns momentos;

oferecendo apenas seus rastros. Se, para ser capaz de captar esses sutis indícios o historiador deve dominar a *teoria da sensibilidade política* e suas estruturas sócio-afetivas, também é fundamental que saiba refletir e problematizar as memórias e os esquecimentos com que entra em contato. Por essa razão, após a introdução da ideia de sentimentos (e ressentimentos) na história, partimos para os questionamentos a respeito dos atos de lembrar e esquecer, e a maneira como eles podem auxiliar nesta delicada tarefa de enxergar a história por entre o fino e opaco véu das afetividades.

### **Do individual ao coletivo: como pensamos a memória?**

Ao falarmos de memória, falamos, necessariamente, de identidade – ambas estão indissolúvelmente ligadas. Memória e identidade se conjugam, se alimentam e se apoiam para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito ou uma narrativa. Por isso, buscas memoriais são sempre acompanhadas de um sentimento de identidade; da mesma forma que buscas identitárias não existem sem memória.

Se a memória é ‘geradora’ de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a ‘incorporar’ certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais [...] que dependem da representação que ele faz de sua própria identidade, construída ‘no interior de uma lembrança’. (CANDAUI, 2014, p.19).

Posta essa conexão, é possível pensá-la além do âmbito individual? Ou seja, é pertinente pensar em memórias e identidades coletivas? Apesar de muitos pesquisadores não cogitarem essa possibilidade – para eles os níveis coletivos existem sem qualquer tipo de dúvida – neste texto adotamos a mesma perspectiva de Joël Candau (2014), cujo objetivo é justamente analisar como passamos de formas individuais a formas coletivas de memória e identidade sem partir das retóricas holistas. Dessa forma, é preciso relativizar alguns termos, como “memória coletiva”, pois, para afirmá-los seria necessário contar com o acesso irrestrito a todas as memórias que compõem um determinado grupo – uma utopia difícil de alcançar.

A despeito da dificuldade de estabelecer a chancela da “memória coletiva” em certas lembranças, pensar em recordações que sejam, pelo menos, comuns a maioria dos indivíduos de uma dada sociedade é fundamental para algumas pesquisas. No caso de Telêmaco Borba, por exemplo, só será plausível falar em memórias ressentidas entre a classe de trabalhadores com

relação à fábrica se elas forem localizadas em um conjunto de indivíduos. Para tanto, antes de se fazer qualquer generalização, é premissa básica entender o nível individual do ato de memória para, então, tentar ultrapassá-lo.

Candau (2014) propõe uma taxonomia das manifestações da memória individual dividida em três âmbitos: *protomemória*, *memória* e *metamemória*. A *protomemória* é uma memória de baixo nível, que acontece na penumbra diferente do automatismo, mas onde o exercício do julgamento não é realizado. É uma memória imperceptível, sem tomada de consciência; é onde estão introyetados os costumes no espírito sem que neles se pense ou se duvide. Já a *memória* é de alto nível e compreende uma memória de recordação ou reconhecimento; é a evocação deliberada ou a invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma “memória enciclopédia”. “A *memória* de alto nível, feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral de expansão da memória.” (CANDAU, 2014, p.23, grifo meu). Por fim, a *metamemória* é a representação que cada indivíduo faz da sua própria memória; é o conhecimento que tem dela e o que diz dela. É aqui que se dá a construção explícita da identidade, pois a *metamemória* é uma memória reivindicada e ostensiva.

Conhecer esses três âmbitos é importante porque, muitas vezes, aquilo que se chama comumente de “memória coletiva”, aos moldes de Maurice Halbwachs<sup>36</sup>, é, na verdade, uma forma de *metamemória*, “quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo”. (CANDAU, 2014, p.24). Além de relativizar a ideia de uma memória comum que é compartilhada, não se pode esquecer que há divergências entre as lembranças manifestadas verbalmente ou transcritas e as lembranças propriamente ditas – estas últimas tem conteúdo incerto, inclusive para aqueles que as detêm. Dessa forma, cada lembrança manifestada é somente a expressão parcial entre tantas outras possíveis, e

---

<sup>36</sup> Para Halbwachs (2004), uma memória coletiva se forma a partir de laços de convivência familiar, escolares, profissionais etc. Além de entreter a memória dos membros de um determinado grupo, a memória coletiva acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Ou seja, a memória coletiva é formada no interior de um determinado grupo, ou comunidade afetiva, tirando daí sua força e relevância. “No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com os outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social.” (HALBWACHS, 2004, p.55).

“toda tentativa de descrever a memória comum a todos os membros de um grupo a partir de suas lembranças, em um dado momento de suas vidas, é reducionista, pois ela deixa na sombra aquilo que não é compartilhado.” (CANDAU, 2014, p.34).

Aqui é pertinente fazer algumas conexões e reafirmar o quão perigoso é recorrer a termos retóricos holísticos. Se a tentativa de descrever uma memória comum é reducionista, mais falha será ainda se vier associada à ideia das afetividades e dos ressentimentos. Se estes repousam no limiar na consciência e, na maior parte do tempo, ficam apenas à espreita, assumir sem qualquer tipo de ressalva o conceito de “memória coletiva” é paradoxal, pois os traços ressentidos estão justamente nas lembranças que ficam na sombra. Daí a dupla exigência à sensibilidade apurada e à reflexão contínua do historiador que pretende adentrar esses campos.

Por essas razões, este artigo, assumindo a existência da *metamemória*, não utiliza o conceito de “memória coletiva” de Halbwachs (2004) – preferindo se apoiar em outra concepção elaborada por este mesmo autor: os quadros sociais da memória. Trata-se de uma escolha teórica que, enquanto rechaça a crença do alcance total das lembranças de um grupo, não nega que as recordações são irrigadas por uma corrente de pensamento social.

Nesse sentido, observa Danièle Hervieu-Léger, a memória coletiva ‘funciona como uma instância de regulação da lembrança individual’. Os quadros sociais facilitam tanto a memorização como a evocação (ou o esquecimento) – ‘podemos nos apoiar sobre a memória dos outros’ – os orientam, conferindo-lhes uma ‘luz de sentido’ comandada pela visão de mundo atual da sociedade considerada. Nisso toda a memória é social, mas não necessariamente coletiva – e em alguns casos e apenas sob certas condições se produzem ‘interferências coletivas’ que permitem a abertura recíproca, a inter-relação, a interpenetração e a concordância mais ou menos profunda de memórias individuais. (CANDAU, 2014, p.49).

Postas as opções elencadas por este texto com relação às diferentes teorias memoriais individuais e coletivas, partimos para as noções de memórias fortes e fracas de Candau (2014) e para a inter-relação destas com o esquecimento.

### **Considerações finais: sobre memórias fortes, memórias fracas e esquecimento**

Mesmo admitindo o traço essencialmente idiossincrático da memória, Candau (2014) admite que, sob certas condições sociais, estados mentais podem ser compartilhados pelos

membros de um grupo, constituindo representações<sup>37</sup> que, repetidas diversas vezes, tornam-se culturais. A memória, enquanto organizadora dessas representações culturais, pode ter um efeito forte ou um efeito fraco. Uma memória forte é massiva, coerente, compacta e profunda; ela impõe-se a maioria dos indivíduos de um grupo e atua de forma organizadora – ou seja, é uma dimensão importante da estruturação do grupo e da representação de sua identidade. Já uma memória fraca não tem contornos bem definidos, sendo difusa e superficial. Seu compartilhamento é mais difícil e, por isso mesmo, constitui uma identidade coletiva relativamente inatingível.

Tomando Telêmaco Borba e seu grupo de trabalhadores rurais e operários como exemplo, pode-se delimitar memórias fortes e fracas. A identidade essencialmente fabril, calcada no “progresso” e no respeito inquestionável à fábrica e aos seus proprietários (compreendida como memória grata neste texto) certamente é derivada de uma memória forte e organizadora. Das entrevistas realizadas com os velhos da cidade, a maioria verbalizou lembranças de exaltação à indústria e ao desenvolvimento da região, demonstrando seu caráter sólido e estruturante. Por outro lado, a existência da humildade resignada e do ódio recalcado (classificados de memórias ressentidas) entre esse mesmo grupo se encaixa na noção de memória fraca, pois sua transmissão é difusa e difícil de detectar. É como se as fortes memórias gratas lançassem uma “cortina de fumaça”, camuflando as recordações ressentidas e relegando-as ao esquecimento. A tentativa, porém, não é efetiva, pois o mesmo esquecimento que silencia é o que permite que o ressentimento seja propagado veladamente e que caminhe subterraneamente pelas histórias da cidade.

Comumente visto como inimigo da memória, o esquecimento é objeto de medo e tentação. Sua existência intrínseca a da lembrança deixa claro que, se a mente humana é porosa ao esquecimento, é porque ali encontra um abrigo – funcionando como um elemento tranquilizador que pode acalmar a dor e dar alívio à memória.

A memória esquecida, por consequência, não é sempre um campo de ruínas, pois ela pode ser um canteiro de obras. O esquecimento não é sempre uma fragilidade da memória, um fracasso da restituição do passado. Ele pode ser o êxito de uma censura indispensável à estabilidade e à coerência da representação que um indivíduo ou os membros de um grupo fazem de si próprios. [...] ‘Esquecer é uma necessidade’, escrevia Lucien Febvre, ‘para os grupos e sociedades que desejam viver’ e não se deixar esmagar ‘por esse peso formidável’ de fatos herdados. (CANDAUI, 2014, p.127).

---

<sup>37</sup> Candau (2014) define uma representação cultural como um conjunto de representações mentais e públicas. Cada versão mental é o produto da interpretação de uma representação pública, que é ela própria a expressão uma representação mental.

Vendo o esquecimento como um “canteiro de obras” e, mais, como uma censura indispensável à estabilidade representacional que membros de um grupo fazem de si mesmos, delineiam-se os motivos pelos quais o “progresso” e a exaltação às Indústrias Klabin põem na sombra as memórias hostis do violento passado escravagista telemacoborbense e as lembranças e representações dos operários assolados pelo “movimento modernizador”. Certamente, lidar com a dor, com “o sangue que empapou a relva”, com as desapropriações de terra, com as jornadas extenuantes de 12 horas de trabalho e com as agruras da poluição traz um “peso formidável” e a consequente renúncia desses fatos herdados.

A insistência, porém, de retirá-los da formação identitária metacoletiva de Telêmaco Borba, não é capaz de apagá-los. O silêncio e a negação não significam sempre uma perda irrecuperável – há coisas que resistem ao esquecimento, pois nenhuma amnésia é absoluta e definitiva. “Encerradas nas estruturas profundas e obscuras da personalidade, as lembranças esquecidas permanecem em reserva, força perigosa e imprevisível que pode vir a assolar a identidade do sujeito se, por azar, ele baixar a guarda e enfraquecer suas resistências.” (CANDAU, 2014, p.128).

Neste ponto, propõe-se, então, pensar as lembranças esquecidas, que estão em reserva e à espreita, como memórias fracas – existentes entre os membros de um determinado grupo, mas relativamente inatingíveis. E, quando as aproximamos dos ressentimentos, elas se tornam ainda mais palpáveis, pois a obrigação do esquecimento acaba tornando-as inesquecíveis.

É quase por este caminho que segue Michael Pollak (1989), apesar de não usar as mesmas reflexões teóricas de Candau (2014). De acordo com Pollak (1989), há memórias que são subterrâneas, que ficaram de fora da “memória oficial” por serem proibidas, indizíveis ou vergonhosas. Marginalizadas, essas lembranças são transmitidas somente no quadro familiar, em associações, ou em redes de sociabilidade afetiva. São, portanto, cuidadosamente guardadas em estruturas de comunicação informais, passando despercebidas pela sociedade como um todo. O problema é que, a longo prazo, essas memórias clandestinas podem desaparecer, esperando o dia em que possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passarem de não-ditas à contestação e reivindicação.

Retomamos, aqui, a questão da poluição e sua existência memorial subterrânea em Telêmaco Borba. Além de M.D.C, A.F.A.<sup>38</sup>, homem e primeiro médico a clinicar fora da tutela das IKPC, foi o único a tocar nesta questão. A.F.A. chegou à região da Fazenda Monte Alegre em 1957 e até 1960 trabalhou no hospital da *company town*. Depois de pedir demissão, resolveu investir em um consultório próprio, instalado no loteamento que começava a crescer “fora da jurisdição da fábrica<sup>39</sup>”. O médico carrega um ressentimento aparente contra a Klabin e seus dirigentes em sua narração, pois, de acordo com ele, foi perseguido pela indústria que o via como concorrente. A.F.A., inclusive, citou campanhas difamatórias que eram movidas contra seu trabalho e sua casa de saúde, chamada de “açougue” pelos inimigos. Por esses motivos, talvez, não hesitou em discorrer longamente sobre os problemas respiratórios e de saneamento provocados pelo “progresso”:

*Juliana:* E como é que era a rotina do hospital? Tinha algum caso, algum tipo de doença que era mais comum, ou não?

*A.F.A.:* No começo, quando a cidade não tinha asfalto, como tinha muito veículo da Klabin, caminhão transportando madeira, levantava muita poeira. Isso aqui era uma nuvem de poeira a vida inteira, de dia e de noite. E isso criava muitas doenças respiratórias, principalmente em criança. Então a gente tinha um número absurdo de criança com bronquite, com asma, com pneumonia, com gripe e tudo... Também no começo da cidade, a água que vinha pra cidade era uma água, não era tratada, vinha do arroio dum riacho que tem aí, não era tratada era uma água poluída, né? Contaminada, e isso dava uma quantidade de diarreia enorme, e aí não era só em criança, era em todo mundo. Depois veio o asfalto, acabou a poeira, né? Ainda tem porque as estradas da região, fora da cidade, ainda têm estrada de terra e os caminhões continuam, então isso vem... E a poluição da Klabin que diminuiu muito, mas ainda tem. E quando a água passou a ser tratada... Então diminuíram os casos de bronquite, de asma, diminuiu drasticamente o problema de diarreia. Porque a diarreia terminava matando por desidratação. [...] [Os] Níveis de saúde que melhoraram no município, esse é um trabalho dos prefeitos, da própria Klabin mesmo, que fez diminuir bastante o problema da poluição, que tinha bastante. Mas se você nasceu aqui você deve se lembrar do tempo que cheirava isso, né? Você se lembra, né? Tinha dias que a gente não aguentava o cheiro, né? O cheiro praticamente acabou, né?

*Juliana:* É verdade.

*A.F.A.:* Eu que estou fora, quando chego às vezes sinto um pouquinho.

---

<sup>38</sup> Entrevista concedida à pesquisadora, na residência do irmão mais novo de A.F.A., no dia 18 de julho de 2012, em Telêmaco Borba (PR). Na ocasião, o objetivo da conversa era levantar dados para a pesquisa de Mestrado desta autora.

<sup>39</sup> O primeiro loteamento de casas fora da *company town* das IKPC foi chamado de Cidade Nova, e ficava na margem oposta do rio Tibagi. Optamos por usar as aspas pois, mesmo estando fora da Fazenda Monte Alegre, a Cidade Nova foi projetada por um dos proprietários da indústria, Horácio Klabin. Ainda na década de 1950, prevendo o colapso da infraestrutura da *company town* devido ao rápido aumento populacional, Horácio (então diretor geral do empreendimento) elaborou o projeto da Cidade Nova e apresentou aos demais sócios das IKPC. Diante da negativa do conselho em levar os planos do loteamento adiante, Horácio decidiu colocá-lo em prática sozinho, deixando a diretoria para tanto. Dessa forma, mesmo que a Cidade Nova fosse independente da *company town*, o era apenas virtualmente, uma vez que permanecia diretamente ligada à influência da família Klabin e de sua indústria.

*Juliana:* É, eu também.

*A.F.A.:* Mas as pessoas daqui não sentem... (A.F.A, 2012).

Há duas observações interessantes a se fazer sobre a narração do médico: a primeira é que, apesar de ser fonte constante de estudos históricos sobre a cidade, suas colocações sobre a poluição ainda não haviam sido registradas – ou seja, não tinham ganhado o espaço público, continuavam subterrâneas. A segunda é a ressalva de que o problema da poluição diminuiu bastante – ou seja, mesmo relatando os problemas de saúde relacionados às atividades da fábrica, A.F.A. não escapou à memória forte e organizadora da cidade. A Klabin poluiu, polui, mas ainda é aceitável.

É nesses moldes que as memórias fracas e ressentidas vêm à tona nas entrevistas realizadas com os velhos telemacoborbenses – sempre em um movimento de atacar e retrain, de criticar a atuação da fábrica e de, imediatamente, retirar a queixa. T.J.I.<sup>40</sup>, mulher e dona de casa de 81 anos, morava em Telêmaco Borba desde 1951. Natural do estado de São Paulo, veio à cidade com o marido e os filhos, atraídos pela possibilidade de emprego. Desde os primeiros dias na Fazenda Monte Alegre, passou por várias dificuldades, pois a renda da família era baixa. Apesar de lembrar do passado com bom humor, em certos momentos de sua narrativa usava um tom preocupado e bastante solene, beirando a indignação. Nesses instantes, T.J.I. costumava alternar a suavidade da voz baixa com a dureza da voz alta, como no trecho transcrito abaixo. Quando questionada sobre a atuação dos hospitais na região, ela narrou o acidente de uma de suas filhas:

*Juliana:* E algum dos seus filhos ficou doente? Precisou de hospital? Como é que era quando ficava doente? Era difícil?

*T.J.I.:* Ficou doente. Ficou a minha filha, que sofreu um acidente. Ficou tempo na cama... Aquele doutor Ulisses, o doutor Feitosa, atenderam muito bem ela, só que ela ficou na casa, porque naquele tempo nem hospital não tinha.

*Juliana:* Ah, não tinha hospital ainda?

*T.J.I.:* Não tinha... Muito no começo, né? Era bem difícil. Tinha hospital pequeno assim. Tinha muita gente. Tinha o hospital da [company town] Harmonia, que lá já atendiam. Mas lá era mais pra turma da Klabin, né? Teve minha filha que ficou tempo, ficou quase um mês de cama. Caiu do caminhão, abriu a porta e ela caiu.

*Juliana:* Ah! Ela era pequenininha então?

*T.J.I.:* Ela tinha doze anos. Foi bem perturbado mas também teve horas boas. A vida é assim mesmo, né? Vocês, graças a Deus, nunca passaram mal com a sua mãe, porque o teu pai e a tua mãe já tudo trabalhavam, né? Tiveram uma vida assim mais fácil tudo, né? (T.J.I., 2012).

---

<sup>40</sup> Entrevista concedida à pesquisadora, na residência da entrevistada, no dia 11 de julho de 2012, em Telêmaco Borba (PR). Na ocasião, o objetivo da conversa era levantar dados para a pesquisa de Mestrado desta autora. T.J.I. faleceu um ano após a entrevista, em 2013.

T.J.I conferiu indignação à lembrança principalmente quando falou sobre a superlotação dos pequenos hospitais – o que fez com que sua filha precisasse ficar um mês de cama em casa. Além disso, narrou que o hospital da *company town*, o mais bem equipado da época e onde o médico A.F.A trabalhou por três anos, era “mais para a turma da Klabin”, sugerindo que havia algum tipo de triagem no atendimento. Porém, ao mesmo tempo, assumiu um tom de resignação: “Foi bem perturbado mas também teve horas boas. A vida é assim mesmo, né?”. Essa humildade resignada é um indício do ressentimento que Tereza carregava com relação à sua situação e sofrimento; no entanto, a aceitação de que “aquela era a vida” foi um tanto enviesada, porque imediatamente comparou as agruras que sofreu com a posição confortável que a entrevistadora deveria ter, retornando à mesma posição de inferioridade que experimentou em suas experiências.

A triagem no atendimento dos pacientes no hospital da *company town* das IKPC curiosamente também apareceu na narração de A.F.A, mesmo sem ser questionado sobre isso. De forma contundente, ele separou as características do “município da Klabin” (a *company town*), e do novo loteamento onde montou sua casa de saúde, carente de infraestrutura em vários níveis. No trecho abaixo, a pergunta feita era sobre as condições das estradas, porém, a resposta deixa ver a dicotomia feita entre “eles da Klabin” e “nós do loteamento”:

*Juliana:* As estradas como eram?

*A.F.A.:* As estradas eram péssimas. Quer dizer, aqui dentro do município da Klabin não, as estradas eram boas. Eu, como médico aqui [do loteamento], eu atendia pouco pra lá, porque a Klabin sempre teve um corpo médico deles, pra atender o pessoal deles, da Klabin. Todas as estradas lá eram boas, mas as daqui eram péssimas. (A.F.A, 2012).

As duas passagens acima compartilham da mesma memória fraca e subterrânea sobre as dificuldades do atendimento hospitalar nas décadas de 50 e 60 e deixam entender que a indústria não fornecia assistência médica a todos e de maneira irrestrita, como relatam as bibliografias existentes sobre o município. Ambas também trazem pontuações ressentidas, por motivos diferentes, mas contundentes. São experiências distintas que provêm da lembrança de dois representantes da classe trabalhadora – um de posição reconhecida e ovacionada (médico), outra de um lugar que, muitas vezes, nem é visto como trabalho (dona-de-casa).

Essas recordações, portanto, são parte do mundo do trabalho que orbita em torno das Indústria Klabin e que, por determinadas formações identitárias e memoriais foi (e ainda é)

eclipsado na historiografia “oficial” da cidade. E, se o intuito é fazer com que essas lembranças ganhem o espaço público, tomem corpo e, enfim, tornem-se outra memória forte possível de Telêmaco Borba, são necessárias grande sensibilidade e atenção redobrada à subjetividade desses trabalhadores.

### Referências bibliográficas

ANSART, Pierre. *La gestion des passions politiques*. Lausanne: Editions L’Age d’Homme, 1983.

\_\_\_\_\_. *Los clinicos de las pasiones politicas*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1997.

\_\_\_\_\_. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

BORGES, Marcelo J.; TORRES, Susana B. *Company towns: labor, space and power relations across time and continents*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FERNANDES, Hellê Vellozo. *Monte Alegre, cidade-papel*. Curitiba: Edição da Autora, 1974.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

MACHADO, Cacilda. Cor e hierarquia social no Brasil escravista: o caso do Paraná, passagem do século XVIII para o XIX. *Topoi*, v.9, n.17, jul.-dez. 2008, p.45-66.

MOTA, Lúcio Tadeu. A guerra de conquista nos territórios dos índios Kaingang do Tibagi. In: *Anais do V Encontro Regional de História – ANPUH, Ponta Grossa*, jul. 1996.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

### Fontes orais

A.F.A. Entrevista concedida à pesquisadora na residência de A.A. Telêmaco Borba: 18 jul. 2012. (129’08’’) : gravação em áudio.

A.L.M. Entrevista concedida à pesquisadora na residência do entrevistado. Telêmaco Borba: 9 jul. 2012. (81’41’’) : gravação em áudio.

M.D.C. Entrevista concedida à pesquisadora na residência da entrevistada. Telêmaco Borba: 11 jul. 2012. (64’02’’) : gravação em áudio.

T.J.I. Entrevista concedida à pesquisadora na residência da entrevistada. Telêmaco Borba: 11 jul. 2012. (49'48''): gravação em áudio.